

CURUZU

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal <i>Bahia 1408</i>		
Data <i>22/12/96</i>		
Caderno <i>1º</i>	Página <i>4</i>	
Secção		
Assunto <i>Bairro</i>		

CURUZU

Comunidade se destaca pela contribuição à cultura

Bairro de predominância negra sofre com o alto índice de violência e carência dos serviços públicos

LUCI BRUNI

O bairro da Liberdade, o mais populoso de Salvador, com cerca de 400 mil habitantes, a maioria de negros, abriga, no fim de linha, uma espécie de comunidade que se destaca não só por ser praticamente auto-suficiente, como também por sua contribuição para a cultura baiana. É o Curuzu...de Mãe Hilda, do Ilê Aiyê, do alfaiate Francisco, de D. Lindinha da associação de moradores e também da moça linda da canção do compositor Gilberto Gil.

Para os moradores mais antigos como Mãe Hilda, que possui um dos terreiros de candomblé mais famosos da cidade e está no local desde 1930, a ladeira de barro com muita lama vermelha e uma enorme jaqueira no final fica só na lembrança, junto com o bonde que percorria o Curuzu via Av. San Martin. "Hoje o progresso trouxe muitos benefícios e também muito tumulto e a violência", afirma Hilda, lembrando, no entanto, que o surgimento de linhas de ônibus, farmácias, açougues, padarias e pequenas mercearias facilitou a vida dos moradores da área, que abrange também as ruas Alegria e Progresso.

Outro problema superado com a chegada do progresso, segundo D. Lindinha, moradora do local desde que nasceu, há 58 anos, foi o surgimento de es-

colas. Atualmente existem duas estaduais e dezenas de escolas particulares para atender as crianças e adolescentes do bairro. "Às vezes fico semanas sem sair do Curuzu. No máximo vou até a Liberdade e encontro tudo o que procuro", diz D. Lindinha, acrescentando que "problemas, a rua tem como qualquer outra".

O principal, segundo ela, é a coleta irregular do lixo, dificuldade que tem se intensificado mais agora, após o bloqueio das verbas da prefeitura. "Na semana passada contratamos uma cambucha para retirar toneladas de lixo que impediam o acesso de carros à rua. Teve gente que deu R\$ 10 e alguns colaboraram com R\$ 0,50. O importante é que conseguimos limpar a rua. Os poderes públicos deviam concentrar esforços para melhorar a qualidade de vida dos bairros mais carentes, pois aqui está concentrada a maior parte da população", destacou.

Ela e mais dez pessoas faziam parte da Associação de Moradores do Curuzu, que foi desfeita por não possuir sede própria e devido aos custos elevados para manter uma sede improvisada.

Jovens como Aline Cristina Moreira e sua prima Sandra, que nasceram no Curuzu, reclamam também. Elas alegam que no local faltam opções de lazer.

"Nos finais de semana temos que nos deslocar para podermos nos divertir. O bairro não possui uma danceteria, cinema ou mesmo um barzinho legal para nos reunirmos. O governo não in-

veste nos bairros mais humildes, que são bastante populosos e a maioria tem que se locomover de ônibus se quiser buscar diversão, já que carros por aqui são artigos de luxo", disse Sandra, revoltada.

Até o posto médico, inaugurado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, quando Antonio Balbino foi governador da Bahia, faz parte das reclamações das pessoas. Atualmente o posto

atende a cerca de 150 pessoas por dia, mas "antigamente prestava outros serviços como de lavanderias e ministrava cursos de corte e costura. Hoje deixa muito a desejar", queixam-se os moradores.

PAULO NEVES



Candomblés e bloco são referências do bairro

Além dos famosos candomblés de Mãe Hilda e de Hamilton, foi no Curuzu que nasceu também, há 23 anos, o Ilê Aiyê. O diretor Vivaldo Benvindo dos Santos afirma que o bloco afro surgiu como uma proposta nova para o Carnaval baiano: expandir a cultura de origem africana no Brasil. Visa também um projeto político: a valorização do negro e a afirmação de sua identidade.

Segundo ele, atualmente os 20 mil associados e as 2.800 pessoas que desfilam cantando *Que bloco é esse, que eu quero saber. É o mundo negro, que vamos mostrar pra você*, sequer imaginam que um grupo, conhecido como *A Zorra*, formado por jovens do Curuzu, que promoviam atividades culturais recreativas, deu origem ao Ilê Aiyê, ou o Mais Belo dos Belos, como definiu Caetano Veloso.

Mas o Ilê foi mais longe do que simplesmente desfilar no Carnaval. Em 1988 arrastou para as escolas 100 crianças da Liberdade, que hoje estudam na Escola Comunitária Mãe Hilda. Nas salas de aulas, educadores criam, experimentam e aperfeiçoam um modelo pedagógico que tem como base a cultura e a história do povo negro no Brasil.

Em 1995 desenvolveu o projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, com o objetivo de sistematizar e ampliar para as escolas da Liberdade as ações educacionais que o Ilê já realizava no bairro. Em parceria com a Odebrecht, Unicef, Centro de Estudos Afro Orientais e secretarias estadual e municipal de Educação, atualmente cerca de 5 mil alunos da 1ª à 8ª série de cinco escolas da Liberdade são beneficiados pelo projeto.



A população reclama da falta de infra-estrutura e reivindica a ação dos órgãos públicos

Vivaldo afirmou que hoje o principal objetivo da organização é a expansão da cultura de origem africana no Brasil, e que tem perseguido este objetivo de várias formas. Além da presença marcante no Carnaval, onde temática, fantasia, canção e danças têm como referên-

cia exclusiva o negro, há também toda uma proposta político-educacional.

Outro lugar de fé encravado no Curuzu é o candomblá de Mãe Hilda, ialorixá do Ilê Axé Jitolu. O santo da casa faz milagre sim, segundo ela. O protetor Obaluaê tem lotado a casa, mesmo

quando não é época de festa, como em agosto e janeiro.

Segundo ela, o candomblé é uma casa de ensinamentos. E a depender dela, o Curuzu jamais deixará de ser a rua de barro vermelho onde o principal ensinamento que aprendeu foi o de valorizar o passado para ser feliz no presente.